

A EDUCAÇÃO DO CARÁTER NACIONAL: leituras de formação

Maria Helena Camara Bastos

Resumo: O presente estudo pretende analisar a obra *CORAÇÃO. Diário de um menino* (1886), de Edmundo De Amicis, recomendado como livro de leitura para *meninos* de 9 a 13 anos, na Escola Brasileira, após a proclamação da República. A obra é analisada como *leitura de formação*, pois procura educar e moldar o leitor, na perspectiva de *ensinabilidade da moral e das virtudes* cívicas, fortalecendo o caráter nacional do futuro cidadão. Nesse período, a educação moral, cívica e religiosa tornou-se o eixo das preocupações para os que almejavam o controle das relações e estruturas sociais, como dispositivo capaz de regenerar o País.

Abstract: The present study intends to analyze the book *CORAÇÃO. Diário de um menino* (1886), by Edmundo De Amicis, recommended to boys from 9 to 13 years old, in Brazilian Republican schools. This book is analyzed as *Reading for formation*, for it aims to educate and mold its reader, in a *teachability of moral and civic virtues* perspective, strengthening the national character of the future citizen. In that period, the moral, civic and religious education, became a central preoccupation to the Republicans as a device to regenerate the country.

INTRODUÇÃO

Em pesquisa no periódico *Revista Pedagógica* (1890-96) encontrei inúmeras referências e anúncios da obra de Edmundo De Amicis

(1846-1906) - CORAÇÃO (1886), bem como um extenso artigo de José Veríssimo sobre a *Educação Nacional (a propósito de um livro italiano)*. A constatação de que esta obra influenciou nossos autores de livro de leitura¹, aliada ao fato de que até recentemente ainda era editada², recomendada como livro de leitura para crianças/meninos de 9 a 13 anos - *evangelho de muitas gerações*, presenteada como prêmios aos alunos destacados na Escola - nos levou a realizar o presente estudo. Pretende-se analisar essa obra de literatura infantil, adotada na escola brasileira: CORAÇÃO, na perspectiva da formação das virtudes cívicas e morais, no fortalecimento do caráter nacional, no período da Primeira República. Nesse período, a educação moral, cívica e religiosa tornou-se o eixo das preocupações para os que almejavam o perene controle das relações e das estruturas sociais, como forma capaz de regenerar o País.³

LAJOLO afirma que *“tradicionalmente o enfoque da literatura na escola brasileira tende a assumir a função de educação pela literatura. O caráter de modelo e exemplo do texto literário é constante na apresentação de manuais escolares de qualquer época. Isso acaba identificando literatura com preleções morais, cívicas e familiares. O texto literário torna-se privilegiado não pela sua dimensão estética, mas*

¹ Para PFROMM Neto, CORAÇÃO exerceu influência sobre nossos autores de livros de leitura, conforme pode-se constatar nas obras de Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto, Bilac, Júlia Lopes de Almeida, Scaramelli e outros. O livro escolar de José Scaramelli - *Coisas de Nossa Terra*, chegou a ser anunciado pelos editores como *imitação do Coração*, adaptada aos cenários e personagens nacionais. PFROMM Neto, Samuel e outros. *O Livro na Educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974. p.174.

² Em levantamento realizado na Biblioteca Nacional/RJ, a primeira edição de CORAÇÃO, no Brasil, data de 1889, tendo sido sistematicamente reeditada pela Editora Francisco Alves até 1968, quando registra a 53ª edição. Neste ano passa a ser editada pela Tecnoprint/Livro de Ouro. O exemplar consultado é da Editora Hemus, com tradução de João Amêndola, sem data, mas que nos parece ser da década de 80.

³ KUHLMANN Jr, Moysés. *As Grandes Festas Didáticas .A Educação Brasileira e as Exposições Internacionais .1862-1922*. São Paulo: USP/FFCH, 1996. Tese.p.228

*pela dimensão retórica e persuasiva, de veículo convincente de certos valores que cumpre à escola transmitir, fortalecer e gerar.”*⁴ Assim, pretende-se analisar a historicidade do processo discursivo relativo à educação do caráter nacional/formação das virtudes cívicas e morais do futuro cidadão, através das *leituras de formação* e refletir como o leitor mergulha nestas leituras e os seus efeitos formativos, a partir de suas recordações.

Entendendo por leituras de formação ou aprendizagem aquelas em que “*as instituições sociais como a família, a escola, a igreja, a fábrica, o hospital, pelas quais transita o herói da obra, procuram influenciá-lo, moldá-lo, direcioná-lo, segundo seus valores e normas específicas*”⁵. Rousseau e Durkheim acreditam na possibilidade de educar os jovens para a moral, como defendem a necessidade social dessa educação. Dessa forma, considera-se a obra *CORAÇÃO*, como uma “*leitura de formação*”, pois procura educar e moldar seus leitores, na perspectiva de *ensinabilidade da moral ou das virtudes*, bem como apresenta uma dimensão biográfica, na forma narrativa *confessional*, em que são relatadas as vivências e sofrimentos, as circunstâncias de vida e as experiências-chave da vida do autor-narrador isto é, a representação de mundo dada pelo autor. É um *livro de leitura* com função moralizadora e intenção educativa, cívica, patriótica e social.

Ao centrarmos nosso estudo na obra *De Amicis*, acreditamos que esta obra constitui uma unidade discursiva, produtora de *ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões*⁶, e por ser representativa dos valores da *ilustração brasileira* quanto ao projeto pedagógico republicano de formação do *novo homem* para o *novo regime*: crença ilustrada nas

⁴ LAJOLO, Marisa. Usos e abusos da literatura na Escola. Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.p. 15.

⁵ FREITAG, Bárbara. O Indivíduo em Formação. São Paulo: Cortez, 1994. p.68

⁶ CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.p . 28.

virtudes da instrução moral e cívica, como forma de manter a ordem social.

LITERATURA E EDUCAÇÃO: leituras de formação.

O início da literatura infantil e juvenil brasileira, no final do século XIX, é marcado pelo transplante de temas e textos europeus adaptados à linguagem brasileira, com uma missão formadora e patriótica, desde as traduções dos *Contos seletos das Mil e uma Noites*, *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, *Robison Crusoe*, *Coração*, e as versões abrigadas de textos de Perrault, Grimm e Andersen. A literatura infantil lança mão, para arrematamento de seu público, do culto cívico e do patriotismo como pretexto legitimador. *Le tour de la France par deux garçons* (1877), de G. Bruno, e *Cuore* (1886), de De Amicis, parecem constituir matrizes inspiradoras de obras que transformaram-se em verdadeiras cartilhas de nacionalidade, como *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manoel Bonfim; *Por que me ufano do meu País* (1901), de Afonso Celso, e outros tantos. O fortalecimento da escola, nas primeiras décadas republicanas, e as campanhas cívicas em prol da modernização da imagem do País favoreceram o desenvolvimento da literatura infantil brasileira e o seu lastro ideologicamente conservador.⁷

VERÍSSIMO, em *A Educação Nacional* (1890)⁸, denunciava a *pobreza do nosso sentimento nacional* devido a *não haveremos jamais pensado em ter educação nacional*. Como solução para esse problema, sugere a generalização da educação cívica em toda a instrução dada na escola, como condição fundamental à formação da cultura *moral e intelectual*. Para o autor, uma educação *para ser nacional precisa que*

⁷ ZILBERMAN, R. e LAJOLO, M. Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986. p.15-21.

⁸ VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

inspire o sentimento de Pátria e que a dirija a um fim patriótico. O fortalecimento do sentimento nacional exigia, também, a educação do caráter, entendida como educação moral, preceitos, regras, exemplos, conselhos, comentários morais de fatos da vida escolar e da história; e educação física - que enrijece o corpo e solidifica a saúde. A educação do caráter é considerada como indispensável elemento da nossa educação nacional, deve ter por fim combater em todos nós tudo o que deprime o nosso caráter, desenvolvendo ao mesmo tempo as qualidades contrárias. Nesta perspectiva, a educação do caráter envolvia a educação da vontade e o desenvolvimento do espírito de disciplina, de simpatia, de solidariedade, destacando como responsáveis por essa missão: a Família, a Escola, a Sociedade, as Religiões, a Política, a Literatura, a Ciência e a Arte.

O Autor considera a literatura e a leitura importantes dispositivos para a educação cívica e moral, e, ao assinalar a ausência de uma cultura cívica assim como moral, acusa o livro de leitura - a mola real do ensino - como o grande responsável por essa situação. Transcrevendo suas palavras para melhor perceber o sentido: *“são os escritores estrangeiros que, traduzidos, trasladados ou, quando muito, servilmente imitados, fazem a educação da mocidade. Seja-me permitida uma recordação pessoal. Os meus estudos feitos de 1867 a 1876 foram sempre em livros estrangeiros. Eram portugueses e absolutamente alheios ao Brasil os primeiros livros que li. O Manual Enciclopédico de Monteverde, a Vida de D. João de Castro, de Jacinto Freire(!), os Lusíades, de Camões e, mais tarde, no Colégio de D. Pedro II, as sete seletas portuguesas de Aulete, os Ornamentos da Memória, de Roquete - foram os livros em que recebi a primeira instrução. E assim foi sem dúvida para toda a minha geração.”* A partir dessa constatação, VERÍSSIMO sugere como uma das mais necessárias reformas a do livro de leitura: *“cumprir que ele seja brasileiro, não só feito por brasileiros, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que anime.”*

Esta recomendação encobre uma contradição, pois ao mesmo tempo que sugere o *abrasileiramento* do livro de leitura, permite *traslados* e *reproduções* de autores estrangeiros. Nesta perspectiva, situa a exceção que faz à obra de De Amicis, *CORAÇÃO, livro para rapazes*, que na Itália, em quatro anos, teve 101 edições, o que comprova o seu significativo papel e sua necessária adoção na escola brasileira.

Na 4ª edição brasileira, de 1894, é incluído *Um estudo sobre De Amicis*, por José Veríssimo, anteriormente publicado na *Revista Pedagógica*, em fevereiro de 1892, sob o título *A Educação Nacional (a propósito de um livro italiano)*, em que explica essa exceção: “*O livro de De Amicis é eminentemente italiano, na sua inspiração e na sua concepção, no seu objeto e no seu fim, no seu espírito e na sua idéia dominante e exclusiva. Eu não sei de nenhuma escola que possua hoje um tão acabado manual de educação moral e cívica. Ao escolar brasileiro, ele ensinará a moral mais elevada e simpática; mas não lhes falará senão de uma pátria que eles não conhecem nem podem amar e cuja vida e cujas glórias, cujas lutas e triunfos lhe são indiferentes. Para a nossa escola fica, portanto, perdido o máximo valor desse livro. O que lhe convinha não era uma tradução, mas uma adaptação ou imitação. Mas toda imitação de um livro tal não será um pastiche?*”

A ênfase da argumentação do autor recai no que considera “*a lacuna fundamental da nossa educação pública: a ausência de um ideal - o sentimento nacional*”. Com esse argumento, favorece a importação de um sentimento nacional por paradoxal que possa parecer. O sentimento nacional é considerado *o elo mais sólido da nacionalidade e o mais certo estímulo aos cidadãos*. Portanto: “*O livro de Edmundo de Amicis será um dos mais fortes elementos da obra de reconstituição da Itália e, no ponto de vista exclusivamente escolar, me parece um dos mais bem feitos para inspirar às crianças o amor da pátria e o espírito de sua nacionalidade. A escola brasileira carece absolutamente de um livro que, ao menos pelos intuitos, dele se aproxime. (...) Ele vai correr as escolas brasileiras; além do puro vivificante sopro de bondade, de virtude*

de moral que nelas espalhará, eu desejo que os meus jovens compatriotas, rio-grandenses ou paulistas, paraenses ou bahianos, fluminenses ou mineiros, do sul ou do norte, de leste ou de oeste, qualquer que seja a sua origem ou a sua classe, a sua raça, ou a sua condição, aprendam nele como se ama a pátria, como se admira os seus feitos e como se estima os que a fizeram grande, próspera e gloriosa, sem nenhum acanhado, preconceito de política e pondo acima da competência mesquinha dos partidos a sua imagem veneranda". Nesta perspectiva, VERÍSSIMO concebe o *homem* enquanto negação do sujeito que se constrói e reconstrói, ressaltando a concepção de objeto moldável, pelo exemplo e repetição.

Concomitante a esta explicação, o valor da obra também reside no fato de atingir as *emoções sociais* através da *educação do caráter* considerada "*a mais elevada forma da educação moral, que deve começar pela educação das primeiras manifestações do altruísmo na criança. Cumpre desenvolver e educar nelas a afeição, a necessidade de carícias, a compaixão pelo sofrimento, a liberalidade e simpatia.*" Nesta tarefa, a família, em estreita comunhão com a escola e a sociedade em geral, "*além da educação da vontade e do desenvolvimento do espírito de disciplina, de simpatia, de solidariedade, tem ainda de atacar a mentira - que é talvez a mais saliente das nossas taxas nacionais -, a dissimulação e o medo, não só diretamente, como desenvolvendo e estimulando a coragem, a verdade e a franqueza.*"

A publicação deste artigo, num livro destinado à *meninos de nove a treze anos*, possibilita pensar que não era lido somente pelos meninos, mas também pelos adultos - pais e professores. Esse fato pode ser constatado no comentário de Humberto de Campos, em seu livro de *Memórias 1886-1900*, quando afirma que: "*esse livro constituiu um acontecimento, em Paraíba. Depois de 'Genoveva de Brabante', não sei de outro que derramasse tanta lágrima em nossa casa e despertasse maior interesse, no círculo de nossos íntimos. Os meus companheiros pediam-no, para mostrar aos pais. As senhoras mandavam pedi-lo, por empréstimo, à minha mãe.*"

Desde a sua tradução no Brasil, em 1891, CORAÇÃO tem sido amplamente lido e adotado na escola, decorridos mais de cem anos. Para D'Ávila “*a poderosa influência que esse livro exerceu sobre o leitor brasileiro de todas as idades, não foi igualada por nenhum livro. Livro objetivo, puro, generoso e honesto, comoveu o mundo todo. O Brasil inteiro, principalmente a geração que iniciou este século, aprendeu a lição do trabalho, do patriotismo, da virtude e da generosidade através das páginas inesquecíveis do livro admirável. Padrão de literatura didática, a que o gênio De Amicis, num momento de inspiração criadora deu vida imortal.*”⁹

Podemos acompanhar a inserção do livro e o prestígio do autor na sociedade brasileira a partir de informações divulgadas na *Revista Pedagógica*, órgão oficial do *Pedagogium*. No número 7, de 15 de abril de 1891, é anunciado que foi aprovado pelo Conselho Diretor a obra *Coração, de Amicis, tradução de João Ribeiro, para as escolas primárias*. Neste mesmo número publica o capítulo *Os Pais de Alunos*, do primoroso livro de Edmundo de Amicis - *La novella de um maestro*. A Revista informa o leitor que “*iremos extraindo alguns capítulos que acreditamos serão devidamente apreciados pelos leitores.*” Esse fato evidencia o sucesso que o autor vinha tendo na Corte. Edmundo de Amicis já era conhecido do público brasileiro por sua *interessante colaboração* no *Jornal do Brasil*, como por exemplo a *deliciosa* novela publicada “*A Mestra dos Operários*”.

Em 1892, a *Revista Pedagógica* inclui a obra na relação do *Movimento bibliográfico (Didactica)* relativo ao ano de 1891. Neste mesmo número, na parte *Annuncio*, apresenta a *Opinião da Imprensa sobre CORAÇÃO*. A leitura do excerto de notícia publicada na *Gazeta de Noticias* nos informa que esse jornal foi responsável por torná-la popular, desde que publicou *algumas páginas desse encantador livro*,

⁹ ÁVILA, A. d' Práticas Escolares. São Paulo:Saraiva, 1967. vol.33, p.193. Literatura Infante-Jvenil.São Paulo:Editora do Brasil,1968. p.267.

apresentadas ao leitor pelas mãos de Ramalho Ortigão. O Folhetim do *Jornal do Commercio* refere-se à obra “*mandada traduzir para as crianças brasileiras como o epitome de amor filial, de amor maternal, de respeito aos mestres, de ardente patriotismo, de singela abnegação para o bem, esse precioso resumo exemplar de um coração, que é Cuore.*”

Para LAJOLO, a ampla aceitação do livro de De Amicis deve-se “*a grande simpatia que tais projetos estético-pedagógicos gozam junto às elites letradas fin-du-siècle.(...) O quadro de valores que suas narrativas endossam e propagam tem a nitidez das ortodoxias acima de qualquer suspeita; bem e mal, certo e errado, adulto e criança, são mundos estanques, que jamais se interpenetram.*”¹⁰ O discurso da obra de De Amicis seduz as *elites brasileiras* que acreditavam que pela instrução - *moral e cívica* - do povo, atingir-se-ia a *regeneração do país*, condição essencial para a construção de um *ethos* capitalista moderno. A manutenção da ordem dar-se-ia, em grande parte, através da moral e da educação.

CORAÇÃO: diário de um menino.

CORAÇÃO é apresentado como um *notável livro de educação moral e cívica - obra-prima dos livros de leitura*, traduzida em 1891 pelo *distinto literato* João Ribeiro¹¹, editada pelos *livreiros editores* Alves

¹⁰ LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993. p.88 e 90.

¹¹ “*Conhecedor profundo das duas línguas e hoje o mais autorizado mestre da nossa no Brasil, temperamento delicado de artista, João Ribeiro saiu-se galardamente da empresa. Sua tradução é incomparavelmente superior às que a precederam, e é a única autorizada pelo ilustre autor, tanto em Portugal como no Brasil.*” Gazeta de Notícias .In: Revista Pedagógica. Tomo 3, n. 16/17, fev.1892.

& C¹², ao preço de 1\$500. O tradutor inclui uma *Advertência*, na qual transcreve o prefácio de De Amicis à obra: “*Este livro é particularmente dedicado à infância das escolas elementares, às crianças entre 9 e 13 anos, e poderia chamar-se “história de um ano escolar, escrita por um aluno de terceira de uma escola municipal de Itália.” Dizendo escrita por um aluno de terceira, não quero dizer que ele propriamente a tivesse escrito tal qual é impressa. Notava ele dia a dia num caderno o que via, sentia e pensava, na escola e fora dela; e seu pai no fim do ano sobre aquelas notas organizou estas páginas por não alterar o pensamento e conservar quanto possível fosse as palavras do filho. Este, 4 anos mais tarde, andando já no Ginásio releu o manuscrito, acrescentou-lhe alguma coisa por sua própria conta, valendo-se da memória ainda fresca das pessoas e das coisas. Agora lêde este livro; ele vos dará prazer e vos fará bem, eu espero.*”

Para VERÍSSIMO, o sucesso do livro deve-se por: “*falar à criança, aos escolares, de si próprios, de seus camaradas e colegas, de seus mestres, de seus pais, de seus jogos e brinquedos, de suas lições, de seus castigos e dos seus prêmios, da vida escolar, enfim, com todas suas cenas e todos os seus episódios(...); ser um livro original e que de nenhum modo se parece com o comum dos livros didáticos: não tem deles nem o aspecto pedantesco e doutrinário, nem tampouco o ar piegas, amaneirado e futil com que outros querem disfarçar, sob uma aparência de simplicidade, a incapacidade para fazer simples e bom. É realmente um livro singelo, verdadeiro, sombrio e eloqüente porque, sem artifício de nenhuma sorte fala ao sentimento e toca o coração que lhe deu o título*

¹² É interessante verificar as observações do Folhetim do *Jornal do Commercio* relativas à editora: “*como livreiros e como editores, os Srs. Alves & C, escrupulisam no seu negócio como na prática de um sério dever. Seus armários de divulgadores de obras de educação e de ensino não têm que se envergonhar de cargas de remorsos (pode-se-lhes fazer este reclame que é uma propaganda de seriedade). Suas edições principalmente se impõem pelo cuidado da mais honesta e lúcida escolha. E falando-se de suas edições é preciso acentuar que eles a pagam.*” Revista Pedagógica. Tomo 3, nº 16/17, fev. 1892.

e que, segundo a ingênua filosofia popular, que é a de nós todos, é a sede de todas as nossas emoções.”

CORAÇÃO, como o próprio nome sugere, pretendia a *educação do e pelo coração*. O autor considera que neste *orgão humano* residem os sentimentos, as emoções, a consciência, passíveis de serem influenciadas e ensinadas. “*O conceito fundamental do livro é de educar a mente e o coração dos jovens com exemplos de virtude, de abnegação e de coragem.*”¹³ Nesta perspectiva, virtudes e mensagens morais se entrelaçam em todo o texto, escrito em forma de *diário* de um aluno de terceiro ano, onde cada *estória* é uma lição de vida. O leitor é constantemente lembrado como *menino todo coração, rapaz de coração e honra*, a quem *Deus deu grandes dotes, só resta fazer bom uso deles*. No relato sobre *Uma Medalha bem dada*, o Inspetor Escolar dirige-se ao aluno com estas palavras: “*não dou (esta medalha) somente à tua inteligência e à tua boa vontade, dou-a ao teu coração, à tua coragem, ao teu caráter de bravo e bom filho.*”

A obra é um retrato do cotidiano de uma escola pública para meninos, na Itália, nos anos de 1881 e 1882, período pós-unificação. Entremendo relatos das ocorrências diárias, o autor insere *cartas dos pais* e *contos mensais* (O Pequeno Patriota Paduano, O Pequeno Vigia Lombardo, O Pequeno Escrevente Florentino, O Tamborzinho Sardo, O Enfermeiro de Tata, Sangue Romanholo, Valor Cívico, Dos Apeninos ao Andes, Naufrágio) cujo objetivo é fortalecer o espírito cívico ou as virtudes morais, apelando para o sentimentalismo do leitor e por um otimismo distante da realidade. A intenção do autor é fazer com que o leitor sintasse um *personagem* do texto, identificando-se com os personagens e com os eventos cotidianos narrados, para melhor apreender as *mensagens morais e cívicas valoradas*.

Ao longo de todo o livro, o *leitor-menino* é confrontado com os opostos, ou seja, como deve ou não ser, agir e pensar. Na prescrição das

¹³ DE AMICIS, E. *Coração*. Diário de um aluno. São Paulo: Hemus, s/data.p.7.

virtudes a serem adotadas na vida pessoal/social, o Autor refere-se àquelas condenadas pela sociedade. Assim, para valorizar as virtudes de *amor ao próximo, bondade, cortesia, lealdade, resignação, piedade, respeito, gratidão, solidariedade, compaixão, amor à Pátria, amor ao trabalho, busca da felicidade*, são condenadas as atitudes de *inveja, covardia, vaidade, usura, prepotência, impaciência, ira, orgulho, insolência, preguiça, vícios, soberba*. Textos temáticos reforçam a *aprendizagem* destas virtudes, tais como: *Um rasgo de generosidade; Generosidade; Vaidade; A Vontade; Gratidão; Inveja; Esperança; Sacrifício; Amor da Pátria; Bons Propósitos; Soberba*.

Atitudes e valores cívicos são apresentados tanto através de diferentes premissas prescritivas: “*quem respeita a bandeira quando criança, saberá defendê-la quando homem*”; como de cartas do pai (*Amor à Pátria*); contos mensais (*O Tamborzinho Sardo, O pequeno vigia Lombardo, O pequeno patriota paduano, O valor cívico*) e temas de aula (*Os funerais de Vitório Emanuel, Os soldados, O menino calabrês, O Conde de Cavour, Rei Humberto, José Mazzini, Garibaldi, O Exército*).

A exaltação do trabalho é recorrente através do livro: “*o trabalho não suja. Deves dizer: tem na roupa os sinais, as marcas do seu trabalho; ânimo, ao trabalho, com toda a alma e com todos os nervos; ao trabalho que me tornará o repouso doce, os divertimentos agradáveis, o jantar alegre; ao trabalho que me restituirá o bom sorriso do meu professor e o beijo abençoado do meu pai.*” No texto “*Os Feridos do Trabalho*” o autor faz uma analogia exaltatória dos operários como *soldados em batalha* e dá uma aula ao leitor de educação de classe: “*vê os homens das classes superiores são os oficiais, e os operários são os soldadinhos do trabalho, mas assim como na sociedade como no exército, não somente o soldado não é menos nobre do que o oficial, porque a nobreza está no trabalho e não no ganho, no valor e no grau.*” No relato sobre “*A Distribuição de prêmios aos Operários*”, aos alunos das escolas noturnas profissionais, o autor reforça a intenção de valorização do trabalho: “*eu sentia algo de inexprimível no coração, como um grande afeto e um*

grande respeito, ao pensar quanto haviam custado esses prêmios a todos os trabalhadores, pais de família, cheios de preocupação, quantas fadigas ajuntadas às suas fadigas, quantas horas roubadas de sono, de que tanto necessitam, e quantos esforços de inteligência não acostuada ao estudo e das mãos grossas, endurecidas pelo trabalho.” De *Amicis* perpassa uma visão idealista de sociedade que minimiza os conflitos, as injustiças e as diferenças sociais.

A valorização da escola e do estudo, do esforço que permite “*subir de posição graças ao estudo e às privações.*” A exaltação do professor parte do reconhecimento de seu papel social: “*ama o teu professor, porque pertence àquela grande família de cinqüenta mil mestres elementares; espalhados pela Itália toda, e que são como os pais intelectuais de milhões de rapazes que crescem contigo, os trabalhadores mal distinguidos e mal recompensados, que preparam para o nosso país um povo melhor que o atual.*” No texto “*O Conde de Cavour*” são reproduzidas suas palavras no leito de morte, o que dá mais dramaticidade ao dito: “*educai a infância e a juventude... governai com liberdade.*” A diferença social é sinalizada pelos estudos, naturalizando-a: “*terminada a quarta série, irás para o ginásio, eles serão operários. Quando estiveres na Universidade ou no Liceu, irás procurá-los nas suas lojas ou nas suas oficinas, e provarás um grande prazer ao encontrar os teus companheiros de infância - homens no trabalho.*”

O livro faz referência constante às inovações implantadas com a República Italiana, tais como: a ampliação das escolas públicas; de escolas noturnas para operários; atendimento especial para cegos, surdos-mudos; de asilos infantis. A intenção é de exaltação do progresso e a necessidade de ordem, que permeiam toda a leitura: “*este movimento (escolar) é o progresso, a esperança, a glória do mundo.*” Nesta ação, o autor trata dos *excluídos* da sociedade: “*os pobres, o preso, as crianças raquíticas, a surda-muda, os meninos cegos, o asilo infantil*”; mostrando as desigualdades sociais de forma naturalizada, já que percebe o mundo dividido em dois: pobres e ricos.

LEITORES: histórias de leitura.

Para BOURDIEU *“um livro muda pelo fato de não mudar enquanto o mundo muda, enquanto muda o seu modo de leitura”*¹⁴. Com a intenção de perceber a adoção e apropriação¹⁵ dessa obra, procuramos em *livros de memórias* pistas que nos permitissem verificar o significado de sua leitura, a partir de sua inclusão nas *recordações* que marcaram os primeiros anos na Escola, e o poder de influência do conteúdo do livro sobre o leitor, ou seja, a aceitação dos fatos e situações *representadas* no livro¹⁶. O fato da obra apelar para o sentimento e afetividade do leitor, utilizando o relato de episódios com grande dramaticidade, para impressioná-lo, parece importante verificar o impacto causado em *ilustres leitores*, ou seja, *“face a um texto, historicamente é produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação”*.

Para LAJOLO, *“a história da literatura de um povo é a história das leituras de que foram objeto os livros que integram o corpus dessa literatura (...) numa concepção de leitura que a vê ao mesmo tempo como instituição e como prática coletiva parece que se pode privilegiar a reflexão sobre a natureza e o percurso social da leitura”*.¹⁷

¹⁴ CHARTIER, R. op. cit. p.131.

¹⁵ *“Pensar as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturante os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. As práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas. O ato de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem nos comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulá-los. A aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares que são o objeto fundamental da história cultural.”* CHARTIER, R. op. cit. p. 137.

¹⁶ Parte desta consulta foi realizada em: ALENCAR, Joelma S. de .*Flagrantes da Vida Escolar Brasileira - final do séc.XIX e início do séc.XX. (Relatos Autobiográficos)*. São Paulo: USP/SP, 1996.(dissertação de Mestrado)

¹⁷ LAJOLO, M. Op.cit. p. 106.

Manuel Bandeira (1886-1968), em seu livro de memórias intitulado *Itinerários de Pasárgada* (1954), assim lembra sua leitura de CORAÇÃO: “*não posso deixar de evocar aqui as horas de intensa emoção, as primeiras provocadas por um livro lido com os meus olhos, e foi esse livro o CUORE de De Amicis, na tradução de João Ribeiro. Era eu semi-interno no Colégio de Virgínio Marques Carneiro Leão, à Rua da Matriz. Depois de certa hora os alunos externos voltavam para as suas casas e eu ficava sozinho na grande sala dos fundos do edifício. O CORAÇÃO era o livro de leitura adotado na minha classe. Para mim, porém, não era um livro de estudo. Era a porta de um mundo, não de evasão, como o da “Viagem à roda do mundo numa casquinha de nozes”, mas de um sentimento misturado, com a intuição terrificante das tristezas e maldades da vida.*”¹⁸

Humberto de Campos (1886-1934), em *Memórias 1886-1900*, assim assinala suas recordações da obra de De Amicis: “*foi por esta época (1896), se bem me recordo, que meu tio Antoninho mandou à família, de Belém, além de outras cousas preciosas, uma dúzia de latas de leite condensado, e a mim, um exemplar cartonado do IL CUORE, de Edmundo D’Amicis, na tradução portuguesa de João Ribeiro. Esse livro constituiu um acontecimento, em Paraíba. Depois de “Genoveva de Brabante”, não sei de outro que derramasse tanta lágrima em nossa casa e despertasse maior interesse, no círculo dos nossos íntimos. Os meus companheiros pediam-mo, para mostrar aos pais. As senhoras mandavam pedi-lo, por empréstimo, à minha mãe.*”¹⁹

Paschoal Leme (1904-1997), em suas *Memórias*²⁰, no capítulo sobre *Leituras e Livros* faz um significativo relato sobre a obra: “A

¹⁸ BANDEIRA, Manuel. *Itinerários de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.18-20.

¹⁹ CAMPOS, Humberto Veras. *Memórias* (1ª Parte-1886/1900). São Paulo: W, M. Jackson, 1954. p.231.

²⁰ LEMME, Paschoal. *Memórias*. vol. 1. Cap.VIII. *Leitura e Leitores*. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1988. p14243.

iniciação, o acesso à leitura, em geral, se fazia no nível da escola primária, através dos próprios livros de leitura de classe, que, no meu tempo, incluíam entre os autores, grandes nomes da literatura nacional e estrangeira. Desse período, guardo as mais vivas recordações daquele livro extraordinário que é O Coração, de Edmundo de Amicis, obra-prima da sensibilidade e que encantou muitas gerações de meninos, aqui e em todo mundo. Traduzido por João Ribeiro e “cuidadosamente corrigida segundo a 854ª edição (!) italiana”, impresso em papel barato, de jornal, e editado pela Livraria Francisco Alves, de apresentação, portanto, mais do que modesta. Neles, defrontávamos com aquelas cenas tão singelas da vida escolar, retratando exatamente as situações que nos eram familiares, com professores, alguns dedicados até os extremos de sacrifícios e bondade, outros amargos, carregando seus problemas íntimos, como homens e mulheres que eram; os colegas, alguns excepcionais, capazes de grandes ações, estudiosos aplicados, outros grosseiros, covardes, impertinentes e até brutais e ainda outros apenas gaiatos, brincalhões, sempre prontos para uma traquinada: um Garrone, um Derossi, um Carlos Novis ou o desalmado Fronti. Havia também os contos mensais, que nos emocionavam até as lágrimas: o patriotazinho de Pádua, O limpador de chaminés, O pequeno vigia Lombardo, O pequeno escrevente florentino, Dos apeninos aos Andes, Sangue romanholo, e tantos outros. E também havia aquelas cartas, assinadas por Teu pai ou Tua mãe, dirigidas ao protagonista e narrador do livro, Henrique, da classe média, cartas que nos tocavam fundo com seus conselhos, suas reprimendas, suas advertências, mas sempre repassadas de amor e de carinho pelo filho querido que se preparava para a vida na escola. Não será demais, nestas Memórias, transcrever aqui uma dessas cartas - “Os amigos operários”, onde se revela o caráter desse livro, único no mundo, hoje completamente esquecido e fora do alcance dos nossos escolares, cujo alimento espiritual, desgraçadamente parece ter se resumido nas historietas em quadrinhos, alheias à nossa cultura, e tendo quase sempre por motivos a violência, o crime, o desamor.”

Raimundo Nonato da Silva (1907), em *Memórias de um Retirante* (1957), ao assinalar que fora alfabetizado aos treze anos, assim relata seu ingresso no mundo da leitura: “comprei um volume de segunda mão (...) O livro era edição elementar da famosa Gramática de João Ribeiro, cuja primeira lição dizia assim: gramática é a arte que ensina a escrever e falar corretamente a língua portuguesa.” No dia em que peguei no compêndio, meti logo esse conceito infeliz na cabeça, certo de que, com essa pequena noção, enveredava por novos caminhos do conhecimento.(...) Veio, logo depois, outro livro importante: O CORAÇÃO, de Edmundo de Amicis, com suas belas lições e os contos mensais como “O Naufrágio” e “Dos Apeninos aos Andes”.²¹

Paulo Mendes Campos (1922), nas recordações sobre suas primeiras leituras, afirma que “bonito foi o descobrimento de *Coração de D’Amicis*.²²

CORAÇÃO também está presente no romance *Doidindo* (1933), de José Lins do Rego (1901-1957), o que permite depreender sua leitura e sua significativa valorização pelo autor, por incluí-lo na obra. O protagonista Carlinhos recorda o “o mundo ideal que gostaria de ter acesso, para escapar ao ambiente opressivo da escola do Professor Maciel”, o qual estava retratado na obra De Amicis: “seria para mim uma vitória abandonar aqueles cadernos amarelos. Mas o meu grande ideal de aluno estava no *Coração*. (...) Tudo me parecia passagens de um romance admirável. E como era diferente a escola de lá da do professor Maciel! Distribuíam prêmios, os professores falavam manso, não existiam palmatórias. O nosso colégio não se parecia com as escolas da Itália. (...) Todo este livro delicioso me chamava para as suas páginas.(...) A “Seleta Clássica ” era cheia de discursos, de versos. Mas

²¹ SILVA, Raimundo Nonato da. *Memórias de um Retirante*. Rio de Janeiro: Irmãos Pangetti, 1957.p. 40-41.

²² CAMPOS, Paulo Mendes. “Primeiras Leituras”. In: LAJOLO, M e ZILBERMAN, R. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. p. 213.

o “Coração” estremecia a nossa sensibilidade de meninos, nos interessava naqueles conflitos que eram os nossos. Este livro de tanto amor à Itália me fez amar aos que eu não conhecia, aos estranhos, aos meninos sujos porque não tinham roupas limpas, aos heróis dos contos. A minha infância sem Júlio Verne e sem soldados de chumbo imaginou seus heróis como eram os do Coração, os seus grandes homens, os que morriam pela pátria e os que davam a vida pelos pais.”²³

Nestas recordações, percebe-se uma exaltação marcante da leitura de CORAÇÃO, na valorização das lições de mundo que estabeleceram um significativo diálogo com os *meninos brasileiros*, através das vias infalíveis do desejo, do sentimento e da emoção, na direção dos mais nobres ideais de *fraternidade e solidariedade humana*.

Monteiro Lobato, em carta dirigida a Godofredo Rangel em 1915, diz: “*Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o CORAÇÃO de Amicis - um livro tendente a formar italianinhos...*”²⁴

Dora Lince, em seu livro autobiográfico - *O Calvário de uma Professora* (1927), faz uma veemente crítica à adoção da obra *De Amicis* na escola paulista dessa época, ao relatar uma aula que assiste: “*a professora lia com entusiasmo e alguma expressão para a classe reproduzir, um conto de Amicis, no qual descrevia com tintas fortes o patriotismo de um italianozinho. Explicava o fato tão ao vivo que a classe vibrava toda de patriotismo italiano, amando já a bela e valorosa Itália e desprezando o Brasil rústico e mesquinho que lhe era apresentado.*”

²³ REGO, José Lins do. *Doidinho*. In: LAJOLO, M.e ZILBERMAN, R. op. cit. p.226.

²⁴ LOBATO, M. *A Barca de CLEYRE* Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1946. p.104-105.

Obrigada a ouvir tanta coisa revoltante, Hermengarda sentiu-se mal. (...) Dirigindo-se para casa, pensava com tristeza: - para isso, para a completa desnacionalização da criança brasileira, paga o governo professoras estrangeiras!..."²⁵ Essa fala destaca tanto os malefícios do estrangeirismo do conteúdo da obra, como um sentimento de animosidade contra os *estrangeiros*, descendentes de imigrantes no Brasil.

A imprensa periódica educacional e de cultura católica parece também utilizar excertos do livro de De Amicis em suas publicações, como podemos comprovar na Revista *Auxilium*, porta-voz do Colégio Santa Inês de São Paulo (Instituto Educacional das Filhas de Maria Auxiliadora), em abril de 1951, orientando as práticas de leitura de suas jovens leitoras.²⁶

No estudo "*O Aprendizado da Ordem*"²⁷, que analisa textos adotados na disciplina "Comunicação e Expressão", a partir dos manuais didáticos de 3º e 4º série do 1º Grau, em 1975, a autora destaca textos da obra de Amicis: *O primeiro dia de aula, O nosso professor*. Esse fato revela que excertos da obra ainda estão presentes no cotidiano do aluno da escola brasileira, quando a obra não é adotada mais como livro de leitura, pelos valores éticos, sociais e cívicos que propaga da sociedade burguesa.

A ATUALIDADE DE CORAÇÃO: PROJETANDO IDÉIAS

A obra de De Amicis é um documento significativo de uma época (Itália Pós-Unificação) e de uma maneira de escrever e entender o livro

²⁵ LICE, Dora. *O Calvário de uma Professora*. São Paulo: s/ed, 1927.

²⁶ SOUZA, Cynthia P.de. *A Educação pela leitura: registros de uma revista escolar*. São Paulo: FEUSP, 1996.

²⁷ REGO, Maria Filomena. *O Aprendizado da Ordem. A ideologia nos Textos escolares*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. p38,57 e 60.

de leitura para meninos. É também um importante testemunho de uma época de grande desejo e interesse educativo, civil e social, ligado ao seu tempo: “*de regeneração das consciências e superação dos prejuízos, e divisões seculares, em busca de uma integração lingüística, cultural e nacional.*” Assim, representou “*um instrumento poderoso de unificação cultural nacional sob a tutela intelectual da burguesia (...) com uma certa responsabilidade histórica pela propagação e perpetuação de uma ideologia, uma mentalidade e de hábitos educativos.*”²⁸

A formação do cidadão para o cumprimento das normas/regras sociais destina-se à alcançar a harmonia individual e social. Nesta perspectiva, ontem como hoje, a educação do caráter nacional, isto é, do cidadão/cidadania, é o mote para os projetos de *modernidade/modernização* da sociedade brasileira. O progresso, a geração de bens/riquezas e a consciência da dignidade humana são os pilares do projeto educacional, que visa a conformação das gerações não permitindo o *devir* humano..

Neste fim de século, dominado por uma mutação ideológica e social, por um viés *conservador*, em que toda a sociedade está confrontada com a perda de valores, percebe-se a retomada da questão da *ensinabilidade e aprendizado das virtudes* - conteúdos moralmente formadores - que tem sido tratada em várias instâncias da sociedade, na perspectiva de (re)constituir o *coração do mundo sem coração*.

CORAÇÃO contém pressupostos universais, que até hoje são requeridos. Este ideal de formação de um *homem mais humano* pressupõe o sentido de humanidade como valor ético e não moral.²⁹ As virtudes são metas perenes da humanidade, o que muda é a concepção de homem - da moral ou da ética, e, dessa forma, a concepção de educação e ensino. A educação para o *homem ético* e não para o *homem moral*, é que deveria ser o grande desafio para o próximo milênio.

²⁸ NOBILE, Angelo. Literatura infantil e juvenil. La infancia y sus libros en la civilización tecnológica. Madrid: Ed.Morata, 1992. p.131.

²⁹ ROLNIK, Suely. Cidadania e alteridade. Fala proferida no IV Encontro Regional de Psicologia Social, da ABRAPSO, em São Paulo, maio de 1992.